

Rio

10/12/2014 às 06h38 - Atualizada em 10/12/2014 às 10h13

Engenhão: em meio aos escombros, queixas, rumores e susto

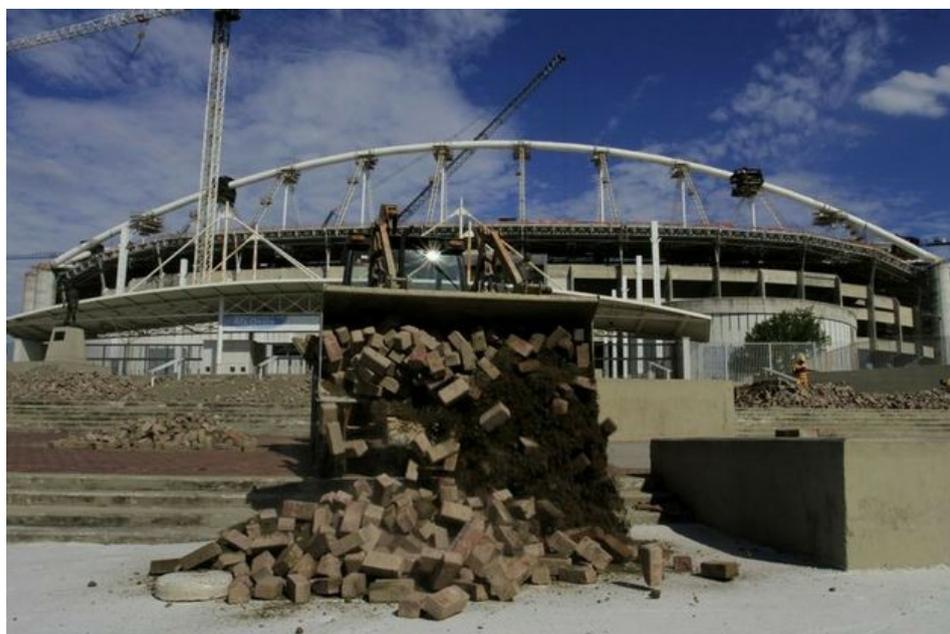
Comerciantes e moradores do entorno se queixam. Rumores de remoção da Faetec geram preocupação

Jornal do Brasil

Stefano Grossi *

31 de dezembro: essa é a data máxima dada pelo prefeito Eduardo Paes para a entrega das obras do Estádio Olímpico João Havelange, em Engenho de Dentro, subúrbio carioca. A partir desse dia, deverá ficar liberada a disputa de jogos de futebol no estádio, que será o palco principal dos Jogos Olímpicos de 2016. Entre elas, o clássico 100m rasos. A menos de um mês da entrega do estádio, a reportagem do **Jornal do Brasil** esteve no local e pôde constatar que, para que o prazo seja cumprido, será preciso impor às obras a velocidade dos atletas da prova mais rápida do atletismo. Como se não bastasse o atraso, o impacto das intervenções desagrada comerciantes e moradores das imediações.

A promessa da prefeitura é de que onde hoje se vê máquinas, operários, pedras e buracos haja, em pouco tempo, ciclovias arborizadas, sistemas de drenagem e escoamento para conter alagamentos no local, além de toda fiação elétrica em sistema subterrâneo.



Andamento das obras em frente do Estádio Olímpico João Havelange

Ao todo foram investidos R\$ 115,7 milhões para a reforma da área, que incluí a restauração da Praça do Trem. Segundo a Empresa Olímpica Municipal, responsável por todas as obras referentes aos Jogos Olímpicos, a região vai ganhar um novo projeto de paisagismo e iluminação. Também será feita a reurbanização de aproximadamente 34 vias visando a melhoria da acessibilidade do bairro. Além disso, o local irá se tornar a maior área pública

de lazer da região do Grande Méier, com um total de 43 mil m².

A comerciante Iara Couto, que possui uma lanchonete no local desde 2001, quando ainda não existia o estádio, lamentou o fato de o Engenho ter sido interditado em julho de 2013. E disse que espera ansiosamente o término das obras para poder voltar a tocar sua vida.

“Me lembro que na semana em que fecharam o estádio havia três jogos marcados. As pessoas compraram estoque de cerveja, de carne para churrasco, todo mundo se preparou para aquela semana que tinha tudo para ser de lucro. Um dia antes do primeiro jogo o prefeito chegou aqui e fechou o estádio. Foi uma tristeza só, as pessoas tinham feito dívidas para comprar as mercadorias, muitos pegaram cartão emprestado do vizinho. Um caos”, lembrou Lara antes de completar: “Estamos aguardando com muita expectativa a reinauguração para podermos voltar a ter um lucro digno.”



O morador Cosme Urubatan reclama da sujeira que a obra leva para as casas próximas

Outro morador - ex-presidente da Associação dos Moradores do Engenho de Dentro e que vive no bairro há mais de 60 anos -, Cosme Urubatan, contou que nunca viu tanta poeira.

“Faz 60 anos que eu moro nesta rua, e eu nunca vi uma coisa dessas. Minha esposa precisa limpar a casa duas vezes por dia. Você termina a faxina 10 horas da manhã, às 17h já está tudo cheio de pó. Além de desagradável, atinge a saúde das pessoas. O ar está sempre sujo, vivo com o nariz entupido, coçando, com os olhos ardendo. Além do barulho ensurdecedor que dura o dia

inteiro”, lamentou Urubatan.

Além da poeira, os moradores reclamam do perigo de andar pelo lugar. Devido às obras, o chão está todo esburacado, cheio de pedras e areia espalhadas pelo local. Falta sinalização para os pedestres. A comerciante que se identificou como Daniela também reclamou da poeira, e lembrou da falta de segurança que é caminhar pelo local.

“A poeira eu não preciso nem falar, é só você olhar para os lados. Mas o que mais me preocupa é a falta de segurança das pessoas que passam por aqui. Esses dias o filho da minha funcionária caiu dentro de um buraco na calçada da entrada principal do estádio. São buracos enormes, e eles não se dão ao trabalho nem de cercar o local com uma fita ou cones para alertar as pessoas”, reclamou a comerciante.

Rumores de remoção da Faetec preocupam população

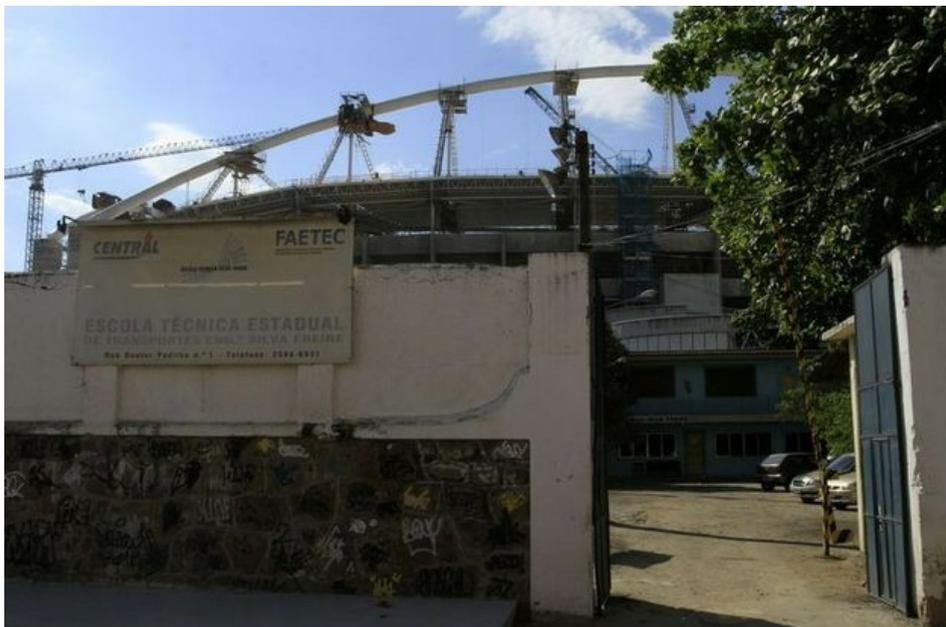
Uma outra denúncia que preocupa diz respeito à Faetec Silva Freire, localizada ao lado do Estádio Olímpico João Havelange. Segundo moradores do local, a unidade de ensino será desinstalada, e o local dará lugar a um estacionamento. Atualmente o estacionamento que o estádio disponibiliza tem capacidade para 1.600 veículos.

“É um absurdo isso acontecer. É uma instituição que forma centenas de pessoas para o mercado de trabalho e querem retirar para instalar um estacionamento. Isso não é coisa que se faça. Trocar educação e formação de qualidade por um estacionamento é uma vergonha”, lamentou a comerciante Lara Couto.

A reportagem do **Jornal do Brasil** entrou em contato com a Empresa Olímpica Municipal, responsável por todas as obras referentes aos Jogos Olímpicos Rio 2016, e questionou sobre a possibilidade da remoção do prédio da Faetec para a instalação de um edifício garagem. A assessoria da empresa disse que, por ser uma escola técnica estadual, somente o governo do Estado poderia tratar do assunto. Mas lembrou que durante a realização das Olimpíadas é proibido chegar ao estádio em carro particular, somente através de transporte público, e que por isso não havia previsão de construção de estacionamentos na região.

Já a Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia afirmou que não há nenhuma informação oficial sobre a possibilidade de remoção da Faetec, e que apenas ouviu falar sobre o assunto através do que foi publicado na mídia.

Onda de problemas



Prédio da Faetec que, segundo os moradores, vai virar um estacionamento

As notícias divulgadas a respeito do estádio na última semana só aumentam os problemas envolvendo o Engenhão. Durante visita ao estádio, a equipe do JB flagrou o momento em que a Odebrecht, empresa responsável pelo andamento das obras do Estádio Olímpico, proibiu os operários de saírem do canteiro de obras para lanchar em locais próximos ao estádio, alegando terem encontrados garrafas de bebidas alcoólicas dentro do estádio. O grande problema



Operários são barrados quando tentam sair para comprar um refrigerante

é que a cantina do lugar fecha às 15h e as obras se estendem até às 18h.

>> Odebrecht proíbe operários de comprar em lanchonetes fora do Engenhão

Mesmo com a possível infração dos operários, a medida tomada pela Odebrecht é, segundo Wadih Damous, ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, seção Rio, e advogado trabalhista, “uma medida abusiva e ilegal”. Damous explica que “a empresa não pode proibir o funcionário de comer, onde quer que seja. O que ela pode e deve fazer é encontrar o operário infrator e puni-lo, até mesmo com uma demissão por justa causa.”

Dois dias depois da proibição, um choque entre duas placas de ferro deu um susto nos funcionários e chegou a causar a paralisação temporária das obras. Segundo a assessoria da Empresa Municipal de Urbanização, a RioUrbe, o que ocorreu foi uma pequena acomodação na estrutura, mas sem danos e risco de que as peças acabem caindo. Ainda de acordo com a assessoria, houve uma revista feita por técnicos que garantiram que a cobertura não cedeu.

>> Choque de placas no Engenhão paralisa obra e assusta funcionários

**Do Programa de Estágio do Jornal do Brasil*

Compartilhe:

